

## BREVES PONTUAÇÕES SOBRE LÍRICA E EXCESSO

Ricardo Alves dos Santos (UFU)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta artigo abordará, a partir da lírica de dois poetas contemporâneos Glauco Mattoso e Waldo Motta, a questão do excesso poético, dessacralizando o espaço da poesia, como maneira singular dos escritores de promoverem uma escrita que dialoga, incessantemente, com os paradigmas estético-literários que a crítica consolidou como sendo uma literatura de resistência. Dessa maneira, a condição da homossexualidade, da cegueira, no caso de Mattoso, e do negro, no caso de Motta, permite-nos refletir sobre as exclusões e o anulamento social imperantes em solos ditos democráticos. Assim, o que propomos é fazer breves considerações acerca da criação literária como estratégia de resistência política.

**Palavras-chave:** Poesia; Resistência; Glauco Mattoso; Waldo Motta

Desde meados do século XIX, são detectadas mudanças no cenário cultural, em virtude da pluralidade de concepções estéticas, políticas, tecnológicas e de mercado, trazidas pela modernidade, o que “afetou intensamente modos e meios de produção, reprodução e circulação de todos os bens simbólicos” (PEDROSA, 2008, p.41). Diante das mudanças exigidas por este contexto histórico, no terreno da literatura, a relação obra, crítica e público também sofre alteração, necessitando de novos critérios que outrora estavam alicerçados na tradição e no cânone.

A contemporaneidade literária sinaliza uma “mudança do peso e do sentido da tradição, que não precisa ser necessariamente reverenciada, contestada ou transformada” (SIMON, 2011, p. 10). A tradição, assim, pode ser avaliada como um universo de formas para que os poetas possam cultivar “seus anseios de superação e crítica”.

A lírica dos poetas contemporâneos Glauco Mattoso<sup>2</sup> e Waldo Motta<sup>3</sup> traz à tona questionamentos sobre os paradigmas que encontramos na crítica literária e na literatura do presente<sup>4</sup>: ambos produzem versos que dialogam com a tradição, mas, ao mesmo tempo dela se afastam. Os poetas selecionados para este trabalho são homossexuais e,

<sup>1</sup> Graduado em Letras (UFU), Mestre em Teoria Literária (UFU) e Doutorando em Estudos Literários (UFU). Contato: Ricardo.ia.alves@gmail.com.

<sup>2</sup> Glauco Mattoso é o pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva, paulistano nascido em 1951 e que está cego desde a década de 1990. O nome artístico do poeta faz menção à doença ocular que o levou à cegueira. A lírica de Mattoso é intitulada por ele como coprofágica, termo que será desenvolvido adiante.

<sup>3</sup> Waldo Motta, poeta capixaba, conhecido pelo seu projeto literário intitulado “erotismo sagrado”, o qual pode ser apreciado na obra *Bundo* (1995), publicada juntamente com *Waw* (1991), pela Editora Unicamp, coletânea que recebeu o título *Bundo e outros poemas* (1996).

<sup>4</sup> Pensamos aqui nas seguintes palavras de Marcos Siscar: “a análise do presente exige consideração de suas exclusões, de suas censuras” (SISCAR, 2010, p. 187).

desde o final da década de 1970, produzem textos que misturam vida e obra, fato que não causa espanto a ninguém, uma vez que os escritores iniciaram seus escritos em tempos de uma poesia consagrada como marginal e que se caracterizou por estreitar o elo entre poeta e leitor, promovendo “uma desierarquização do espaço nobre da poesia”<sup>5</sup>. Sobre a poesia marginal, Annita Costa Malufe corrobora:

[...] os poetas marginais apostavam em uma linguagem absolutamente contaminada de mundo, misturada com a vida, confundida com a atitude comportamental do autor, com seus dramas pessoais, privados. (MALUFE, 2011, p. 72)

Nos versos de Glauco Mattoso: “Nem oito, nem oitenta: a poesia/ é boa ou má conforme o testemunho/ que dá de seu autor enquanto cria.” (MATTOSO, 2004, p. 45), e nas palavras de Waldo Motta publicadas no prefácio da obra *Bundo e outros poemas* (1996); “Não quero apenas escrever mas também ser o que escrevo”, constatamos o quanto a vida particular de cada um servirá como matéria poética. Os corpos dos poetas e seus “dramas pessoais” serão constantemente convocados para o exercício artístico deles, pois eles se transformam em palavra, e isso, de certa forma, revela-nos duas líricas estruturadas a partir da construção de um mito pessoal<sup>6</sup> que requer sempre do artista um mergulho nas memórias. As aflições, as angústias, os amores e, sobretudo, o anulamento social serão resgatados para empreender poéticas em que a fala<sup>7</sup> dará o tom exclusivo. Glauco Mattoso e Waldo Motta reivindicam a fala, o diálogo e o discurso em suas performances<sup>8</sup> literárias.

<sup>5</sup> No prefácio da obra *26 Poetas Hoje*, Heloisa Buarque de Hollanda (1998) usa esta expressão ao argumentar sobre a poesia marginal da década de 1970 e cremos que a poética dos autores Glauco Mattoso e Waldo Motta nos conduz à contestação sobre o papel sagrado da poesia, espaço destinado aos sentimentos mais elevados (doutrina literária romântica e hegeliana e, por que não, burguesa/capitalista), o que não é verificável nos versos desses poetas contemporâneos.

<sup>6</sup> Paulo Henriques Britto, em *Poesia e memória*, discorre sobre a importância, para um “poeta lírico”, da memória para o fazer artístico: “Para o poeta lírico, a memória individual é um repertório de causas, explicações e justificativas que lhe permitem criar o seu mito pessoal de individualidade única e singular, a ser fruído pelo leitor – o qual, por meio de um processo de identificação, sente-se gratificado ao constatar que também seu eu, tão único e singular quanto o do poeta, tem algo em comum com ele.” (BRITTO, 2000, p. 125). Esta singularidade, apontada por Britto, nutriria a poesia lírica e aproximaria o leitor das experiências partilhadas e compartilhadas na relação poeta/leitor, situação regida pelo jogo de deslocamentos de identificações e diferenciações.

<sup>7</sup> A fala é um instrumento performativo que marca, molda e institui os objetos e, neste sentido, a partir dela podemos empreender uma reflexão acerca do que está no jogo do discurso literário realizado pelos poetas.

<sup>8</sup> Esta palavra é utilizada neste momento consoante ao pensamento de Judith Butler (2012) que postula, em sua teoria sobre o gênero, o caráter performativo que ronda a sexualidade humana, já que esta está sempre condicionada ao discurso e à repetição na formatação de nossos corpos, desencadeando um

Interessa-me, neste trabalho, analisar e avaliar a escrita dos poetas contemporâneos como um discurso homossexual que, através de uma linguagem do excesso, destaca as contradições do nosso tempo. Este aspecto é pensado aqui nos caminhos que a linguagem literária percorrerá, pois os versos dos autores são repletos de deslocamentos e de desconstruções ideológicas. O excesso da escritura (re)direcionamos para questionarmos e refletirmos sobre as leis construídas e impostas discursivamente, seja na esfera social ou artística. Em Waldo Motta, o sagrado e o profano não são lados opostos, encontram-se misturados e indissociáveis, situação, claramente, dissonante do valor praticado na sociedade, e Glauco Mattoso se define como “poeta da crueldade” (MATTOSO, p. 43, 2010) e conciliador de opostos, “combinando, por exemplo, a forma clássica do soneto ou da glosa com a gíria da periferia ou do baixo calão” (MATTOSO, 2010, p. 43), ou seja, em ambos notamos “excessos que não cessam de colocar em perigo a ordem social” (BATAILLE, 2013, p. 91). O presente exige repensar sobre as exclusões e a poesia edificada por Glauco Mattoso e Waldo Motta representa uma resposta artística ao universo binário construído pelo homem: branco e preto, rosa e azul, homem e mulher, pobre e rico, ou seja, a poética dos escritores desloca o olhar do leitor, desestabiliza os pontos fixos criados pela cultura.

Na obra *Poesia digesta* (2004), Glauco Mattoso reuniu poemas produzidos de 1974 a 2004. Nesta coletânea, observamos a trajetória do poeta; o verso metrificado, a escolha pelo soneto, haicais, poemas concretos, grafismos e experimentações são aspectos notórios na obra do escritor, ele “usa de tudo e não se prende a nada”<sup>9</sup>. Destacamos dessa obra o seguinte poema-manifesto:

### MANIFESTO COPROFÁGICO

*Mierda que te quiero mierda*  
*Garcia Loca*

a merda na latrina  
daquele bar de esquina  
tem cheiro de batina

---

discurso formatador de condutas e ações centralizadas na manutenção do binarismo travado e reiterado da heteronormatividade. As poéticas, aqui destacadas, deslocam o olhar dual e nos colocam no “entre” e no movimento contínuo do desejo homossexual.

<sup>9</sup> Expressão empregada por Pedro Ulysses Campos no prefácio do livro referido.

de botina  
de rotina  
de oficina gasolina sabatina  
e serpentina

bosta com vitamina  
cocô com cocaína  
merda de mordomia de propina  
de hemorroida e purpurina

merda de gente fina  
da rua francisca miquelina  
da vila leopoldina  
de teresina de santa catarina  
e da argentina

merda comunitária cosmopolita e clandestina  
merda métrica palindrômica alexandrina

ó merda com teu mar de urina  
com teu céu de fedentina  
tu és meu continente terra fecunda onde germina  
minha independência minha indisciplina

és avessa foste cagada da vagina  
da américa latina  
(MATTOSO, 2004, p. 221)

O uso de vocábulos chulos e pouco comuns na literatura tradicional, como “merda”, “bosta”, “cocô”, “hemorroida”, “urina”, “cagada”, “cocaína” e “vagina” revela-nos uma linguagem abjeta, excrementícia e escatológica do autor. A partir deste universo, o sujeito de Glauco Mattoso se liberta e se autodenomina indisciplinado. A merda sintetiza todos os odores e é a “terra fecunda” de onde o poeta busca se produzir e se revelar.

O manifesto do poeta se dá por via coprofágica e isto inspira repugnância e desprazer, sentimentos distintos dos despertados pela arte clássica. A poesia de Glauco Mattoso é construída por meio de muitos elementos desprezíveis e se mostra subversiva e transgressora ao integrar o “baixo” e o “alto”<sup>10</sup>. Acredito que esta postura é uma “denúncia à ideologia, ao rompimento do contrato social, um protesto contra o mundo

---

<sup>10</sup> Esta oposição refere-se ao fato de a poesia ser considerada o espaço de sentimentos elevados e nobres, entretanto a poesia de Glauco Mattoso é habitada por impulsos carnavais, pelo erotismo anal, pela homossexualidade, enfim, por temas que causam desconforto e repulsa, e isto requer de nós uma reflexão sobre as representações do corpo em excesso.

de fantasia engastado no consumismo” (OLIVEIRA, 2007, p. 70). Dessa maneira, o literário não recebe um tratamento que se alinha aos prazeres burgueses, ele caminha por via contraditória e paradoxal em busca de justiça social para a violência, a tortura e humilhações, as quais o sujeito lírico usa para promover uma literatura de enfrentamento e reivindicação, situação que se ratifica pelo poema “Assumido”:

#### SONETO 509 ASSUMIDO

Mattoso, que nasceu deficiente,  
ainda foi currado em plena infância:  
lambeu com nojo o pé; chupou com ânsia  
o pau; mijo engoliu, salgado e quente.

Escravo dos moleques, se ressentido  
do trauma e se tornou da intolerância  
um nu e cru cantor, mesmo à distância,  
enquanto a luz se apaga em sua lente.

Tortura, humilhação e o que se excreta  
são temas que abordou, na mais castiça  
e chula das linguagens, o antiestetista.

Merece o que o vaidoso não cobiça:  
um título que, além de ser "poeta",  
será "da crueldade" por justiça.  
(MATTOSO, 2004, p. 114)

Glauco Mattoso é um poeta que faz uso dos traumas para desenvolver uma lírica que causa estranhamento ao leitor na medida em que os fetiches pessoais dele são revelados com uma tônica realista, “um nu e cru cantor”, sem nenhum tratamento ou tentativa de sublimar a matéria recordada. O sujeito lírico, logo no primeiro verso, se caracteriza como “deficiente” e, ao longo do poema, encontram-se sinais pelos quais se evidencia o prazer sadomasoquista que o poeta tem, haja vista o emprego da palavra “escravo” para designar um dos componentes desse tipo de realização sexual, pois em relações sadomasoquistas um dos praticantes tem prazer em ser submisso. A relação entre opressor e oprimido é completamente relativizada, uma vez que o oprimido, considerando o contexto sexual do poema, sente prazer nesta condição de satisfação, operando, neste formato, uma contradição que se instaura nos processos de subjetivação do desejo. Nesse sentido, Glauco Mattoso reitera o caráter “deficiente” que suas práticas

sexuais apresentam, já que elas não são toleráveis aos olhos de pessoas conservadoras e tradicionais, configurando-se como um poeta “antiesteta”, avesso às manutenções dos padrões já naturalizados e, assim, sua poesia é um trabalho estratégico e político por desestabilizar o que se solidificou socioculturalmente.

A postura política, subversiva e excessiva de Glauco Mattoso também ganha espaço na lírica engendrada por Waldo Motta, como verificamos no poema “Ah, corpo!”:

### AH, CORPO!

Em plena madrugada, o bofe insistindo  
num papo alto demais para seres do inframundo.  
Enquanto ele adejava pelo espaço  
(do quarto de pensão, com os mosquitos),  
a mim, que me interesse pelo céu  
na terra, o desprezo que ele dizia ter  
pelas coisas do corpo – magro e subnutrido  
mas belíssimo para a minha fissura vesga –  
só me desenganava, porém não me convencia.  
Através de sua quase transparência  
(de fomes recolhidas na ascese  
um tanto forçada pela pindaíba),  
procuro enquadrinhá-lo, entendê-lo.  
Sucedo que no auge das viagens,  
intempestivamente trovejante,  
um barulhinho de fome nas tripas do santo  
eleva-se aos píncaros, de onde, estrangido,  
o bofe despenca e, ploft!, se espatifa no concreto,  
em sua ordinária e infame realidade  
de pele e osso e necessidades.  
(MOTTA, 1996, p. 107)

A facilidade de exposição pessoal e íntima parece ser uma característica do hoje, haja vista a força das redes sociais no cotidiano das pessoas. A necessidade de ser visto, notado e “curtido” representa o total esvaziamento das relações interpessoais, revelando as fragilidades dos laços humanos: “O sujeito pós-moderno existe na moldura da visibilidade total” (MORICONI, 2004, p. 7). Esta postura do sujeito é uma situação recorrente na poesia de Waldo Motta. A intimidade do sujeito lírico se revela a partir do cotidiano do artista, em que o aspecto íntimo é exposto e a realidade se mostra dura e cruel.

A “visibilidade total”, característica do pós-moderno defendida por Ítalo Moriconi (2004), é atestada na poética de Motta ao nos depararmos com uma possível cena de “catação”, gíria gay empregada no sentido de relação sexual casual, sem compromissos formais, e muitas vezes relacionada a “sexo pago”, descrita no poema “Ah, corpo!”. Uma possível relação amorosa revela-nos duas situações: o desejo e solidão do sujeito lírico e a pobreza e miséria que insistem na realidade.

Está o sujeito lírico a “dar-se em espetáculo, revelando a intimidade como ato de obscenidade poética” (MORICONI, 2004, p. 8). O espetáculo agora se comporta como encenação de uma particularidade lírica que condensa para si uma “obscenidade poética”, que, vinda do particular e familiar, canaliza para um mesmo espaço poemático situações de carências tão comuns na contemporaneidade literária. A cena ganha concretude e nitidez pela expressividade caótica desenhada nos versos de Waldo Motta.

Deste modo, as líricas dos poetas Glauco Mattoso e Waldo Motta transformam “a opressão em uma crítica sobre o poder”<sup>11</sup> (PRECIADO, 2009, p. 139, tradução nossa), e as *Poesia digesta* (2004) de Glauco Mattoso, *Bundo e outros poemas* (1996) e *Terra sem mal* (2015) de Waldo Motta, apresentam uma poética do excesso a partir de um discurso homossexual literário, destacando paradigmas que rondam a questão da sexualidade, do gênero e da identidade.

Por apresentarem poéticas do excesso, Glauco Mattoso e Waldo Motta colocam-nos diante de paradigmas contemporâneos. A homossexualidade e o anulamento social servem de alimento para produzir textos provocativos e engajados. Entretanto, qualificar a poesia dos autores como “menores”, como alguns críticos fazem, é frisar um olhar ainda cheio de limitações sobre a questão da sexualidade, do gênero e da identidade.

As líricas e os projetos literários dos autores são exercícios artísticos que exemplificam o quanto política, corpo e literatura se entrelaçam na tentativa de dar voz, no caso dos poetas, aos marginalizados. A linguagem excessiva traduz-se em protesto e indignação, seja pelo tom lírico ou pelos deslocamentos das formas literárias.

Este trabalho, assim, estaria em consonância ao enfrentamento que as poéticas de Mattoso e Motta configuram em relação às posturas conservadoras, e não menos arcaicas, para a manutenção das tradições, seja na esfera social ou artística. Os livros *Poesia digesta*, *Bundo e outros poemas* e *Terra sem mal*, portanto, sintetizam um estado

---

<sup>11</sup> “la opresión en perspectiva crítica sobre el poder” (PRECIADO, 2009, p. 139).



de sensibilidade, de “maestria e liberdade raro na produção atual” (SIMON, 2004, p. 210), promovendo uma revitalização para o discurso poético.

## Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BRITTO, Paulo Henriques. Poesia e memória. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 124-131.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Prefácio. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998, p. 9-14.

MALUFE, Annita Costa. *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Fapesp, 2011.

MORICONI, Ítalo (2004). *A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira: Uma introdução ao debate*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>. Acesso em: 10/05/2010.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro. A literatura e as artes, hoje: o texto coprofágico. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 67-84, jul./dez, 2007.

PEDROSA, Celia. Poesia contemporânea: crise, mediania e transitividade (Uma poética do comum). In: PEDROSA, Célia e ALVES, Ida (org.). *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 41-50.



PRECIADO, Beatriz. Terror anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homossexual*. Espanha: Editorial Melusina, 2009, p. 133-170.

MATTOSO, Glauco. *Poesia Digesta*. São Paulo: Landy, 2004.

MOTTA, Waldo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 59- 76.

\_\_\_\_\_. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Valdo Motta. *Revista Novos estudos*, nº 70, 2004.

\_\_\_\_\_. *Condenados à tradição: o que fizeram com a poesia brasileira*. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-61/acceleracao-do-crescimento/condenados-a-tradicao>. Acesso em: 23/10/2013.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.